



BONILLA, María Fernanda Sarmiento. **Perspectivas emancipatórias para o Teatro de Rua em Nossa América**. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas-UFBA. Mestrado, Gláucio Machado Santos. Atriz e professora.

RESUMO

O trabalho apoia-se na procura de identidade em América Latina como fatores que potenciam a formação dos atores de teatro de rua. Em acréscimo, a pesquisa assume que o teatro de rua perturba a vida cotidiana ainda mais neste continente americano e suas cidades “subdesenvolvidas”. Com isso, esta escrita busca constatar que a rua oferece outras ferramentas para o ofício da atuação, pois exige recursos expressivos específicos e torna mais variada a sua preparação, além de se apropriar nos elementos indeníveis das culturas que subjazem nas ruas das cidades da América do Sul.

Palavras chaves: Teatro de rua, preparação, ator, América do Sul.

RESUMEN

El trabajo se apoya en la búsqueda de las identidades en América Latina que potencia la formación de actores. Además, la investigación asume que el teatro callejero perturba la vida cotidiana sobre todo en este continente suramericano y sus ciudades “subdesarrolladas”. Así, este escrito busca constatar que la calle ofrece otras herramientas para el oficio actoral, pues exige recursos expresivos y da más variaciones a la preparación, además de apoyarse en los elementos identitarios de las culturas que subyacen en las calles de las ciudades Latinoamericanas.

Palabras claves: Teatro callejero, preparación actoral, América del Sur.

Na minha primeira experiência como pesquisadora e atriz de teatro de rua, reconheci minha tradição teatral que influenciou profundamente em meus estudos e pesquisas, jogo latente entre a tradição e a contemporaneidade no teatro de rua. Esta tradição se forjou em um movimento chamado o Novo Teatro Colombiano na década de 70 do século XX; a história do teatro colombiano como, talvez, a história do teatro na América Latina, é marcada pela luta social e reconhecimento de direitos desde a década dos 50, ainda mais no teatro de rua. Esse movimento está em minhas mãos no momento em que me reconheço como sujeito de direitos e cidadã, do jeito descrito por Freire (FREIRE, 1997, p. 133) e Boal (BOAL, 2009). Toda a história de *Nossa América*¹ (MARTÍ, 2005) chega a mim como uma

1

O conceito de *Nossa América* criado por José Martí no seu ensaio do mesmo nome pretende a união da América Central com a América do Sul, numa luta pós-independência que pretende gerar processos de soberania e identificação nos povos americanos, de completa liberação da dominação ibérica e em contra da nova tirania nascente de Norte-américa.

responsabilidade à qual não posso dar a volta. Meu corpo se estremece ao assumir que sou latino-americana, colombiana, atriz e que não posso viver sem que esse trajeto, que não para, faça parte de meu ofício e meu ofício falei, faça, fiquei dentro dessa Nossa América que se expressa e respira na rua onde todas as contradições e manifestações de nossas sociedades surgem. A rua sempre se emprestara para todas nossas manifestações sociais, desde as greves até os carnavais e festas; é a rua, quem como mãe, sempre oferece seus espaços para que “E um dia, afinal, tinham o direito a uma alegria fugaz
Uma ofegante epidemia que se chamava carnaval,
o carnaval, o carnaval” (CHICO BUARQUE).

O encontro com o conceito de *Nossa América* me fortalece ao conhecer que são todos os povos da América Latina e o Caribe que tem sido leões sempre celebrados pelos caçadores. As letras de Eduardo Galeano tem sabido descrever tão dolorosa como poeticamente a historia desta América que faz mais de quinhentos anos tem sido dessangrada.

A chuva que irriga aos centros do poder imperialista afoga os vastos subúrbios do sistema. Do mesmo jeito, e sistematicamente, o bem-estar de nossas classes dominantes – dominantes para dentro, dominadas desde fora- é a maldição de nossas multidões condenadas a uma vida de bestiais de carga. (GALEANO, 2010, p. 17). (Tradução da mestranda).

Nossa América

Martí no seu ensaio intitulado *Nossa América* não só nos descreve como os povos de América do Sul e o Caribe, tem uma mesma historia e continuam sendo presas dos mesmos caçadores, pois para a época das reflexões, Martí já tinha identificado o perigo que representava para nossos povos o império do Norte de América além de analisar o dano e violações feitas pelos países colonizadores; também propõe um projeto continental, onde todas essas características são fatores que determinam e justificam a ideia da união em *Nossa América* na procura de equidade e a redistribuição justa.

Sousa Santos analisa a ideia de *Nossa América*, encontrando nela um potencial emancipador a través de uma comparação ontológica do *ethos barroco* “concebido como o arquétipo cultural da subjetividade e a sociabilidade de *Nossa América*” (SANTOS, 2009, p. 229). Ainda que o projeto não tenha se conseguido materializar nos posteriores anos de sua publicação nem nas décadas de 50 a 70 do século XX onde seu desenvolvimento como projeto social e político dava conta nas lutas significativas dessas décadas, o autor apresenta possibilidades de desenvolvimento deste conceito que involucra outras ideias ou manifestos que procuram uma identidade da América Latina.

Da analises realizada por Santos me interessa ressaltar três aspectos que sobresselem da ideia de *Nossa América*, tal como foi criada na sua época e que o autor enquadra na denominação do *século americano de Nossa América*, espaço que ainda que não tenha conseguido celebrar o objetivo do projeto de Martí, foi uma grade cenária para movimentos contra-hegemônicos que se espera tenha seus frutos no século atual.

O primeiro aspecto encontra-se na antípoda existente entre a formação do projeto europeu, continuado no Norte da América, e a característica cultural relevante de *Nossa América*. Na Europa se estabelece como estados-nações que são compostos por uma só raça, e é esta raça que dará o caráter de identidade á nação. A conservação destas raças, que suportam a concreção das identidades europeias, são protagonistas das lutas e guerras do velho continente. Pelo contrario em *Nossa América* a mesclas das raças é nosso potencial, o cruzamento delas que dará como resultado uma América mestiça além de descartar a luta entre raças unifica os povos e cria novas formas de identificação afastadas do

pensamento fascista. Deste jeito o projeto procura conhecimentos e formas de governo que respondam a esta América mestiça que serão diferentes dos projetos europeus ou americanos.

A segunda ideia significativa do projeto de *Nossa América* é a riqueza existente na mestiçagem, pois esta nova cultura que não tem que lutar pela limpeza da raça e pelo contrario valora dela sua sociedade e mescla complexa se potencia numa identidade intrincada e cheia de possibilidades emancipatórias. O conceito de *antropofagia* de Oswald de Andrade (ANDRADE, 2001, p. 59) reconhece a mistura e a apropriação do externo numa ação devoradora que remite ao “instinto canibal” com o qual nos representou a Europa com a metáfora da personagem de *Caliban* da peça *A Tempestade*, de Shakespeare. O terceiro conceito fundador de *Nossa América* procura conhecimento genuíno e representativo. Mas para consegui-lo “as ideias devem ficar enraizadas nas aspirações dos povos oprimidos”, como diz Santos (2009, p. 238). Para Martí era primordial que *Nossa América* gerara seu próprio conhecimento e trajeto das culturas que nela habitam:

A universidade europeia deve ceder à universidade americana. A história da América, dos Incas até o presente, deve ser ensinada perfeitamente, ainda que não ensinemos os arcontes da Grécia. Nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. Precisamos de mais. Os políticos nacionais têm de substituir os políticos estrangeiros e exóticos. Enxerta-se em nossas repúblicas o mundo, mas o tronco deve ser nossas repúblicas. E deixemos em silencio ao pedante conquistado: não há pátria em que um homem pode ter mais orgulho que em nossas repúblicas dolorosas da América. (MARTÍ, 2005, P. 33). (Tradução da mestranda).

A globalização dos movimentos contra-hegemônicos é o que pode chegar a mudar os avances do projeto de *Nossa América*, evitando assim os erros da primeira grande tentativa que se teve na década dos 70 onde muitas lutas contra-hegemônicas lograram certos triunfos, mas a isolação de cada uma foi o ponto certo para que elas se caíssem. Então Santos propõe que as diferentes lutas encontrem pontos que possam potenciá-las individualmente ao mesmo tempo em que possam apoiar as outras lutas. Assim o autor propõe: “A teoria da tradução permite a identificação de nexos comuns nas lutas indígenas, feministas, ambientalistas, etc., sem que isso implique desfocar a autonomia e as diferenças que suscitam cada uma das lutas” (SANTOS, 2009, p. 232).

Nessa segunda dupla diferença-igualdade, me reconheço ainda mais. Como o leitor e a leitora tem visto neste texto existe uma diferença pelo reconhecimento do sexo na linguagem. Acredito que a mudança desta América Latina e o logro de *Nossa América*, é indispensável a participação de todos e todas de um jeito igual. Sou mulher e não posso me sentir de *Nossa América*, se nos textos que, pelo menos escrevo, não se nominou à metade da população deste continente e do mundo que são as mulheres.

Feminismo e emancipação

Sempre me perguntei por que é tão difícil encontrar textos de teatro escritos por mulheres e não só de teatro, também de outras disciplinas, e acho que encontrei a resposta: é a não nomeação da mulher nos textos e nas atividades o que faz que

elas não se sintam responsáveis de construir suas próprias teorias ou opiniões, além da negação delas quando participam dos processos nos textos. A escola é o campo predileto para a usurpação da linguagem e assim da participação. Ali a mulheres aprendemos que são os homens os que escrevem, os que pensam, os que desenham este mundo; para as mulheres fica, então, o cuidado, a limpeza e a reprodução. Dificilmente uma criança pobre te vai responder que quer ser presidente quando seja adulta e mais impossível ainda, uma menininha vai te responder que quer ser presidenta. Não esta nas suas possibilidades implantadas (ou extirpadas?) pela escola que existam presidentas, ou administrativas, ou economistas, ou engenheiras, ou o sem numero de ocupações que são ocultas para as mulheres.

A linguagem excludente invalida a possibilidade do símbolo na recriação mental dos humanos, é por isso que a linguagem é ante tudo um símbolo traduzido em fonemas, palavras, frases, textos. “O que não se nomeia, não existe” (THOMAS, 2008, p. 200) diz minha feminista de cabeceira Florence Thomas francesa radicada na Colômbia faz mais de trinta anos. E é assim de simples como é expresso pela Thomas; tanto a linguagem castelhana como a portuguesa, dão a possibilidade de outorgar sexo quando se fala das pessoas, mas este privilegio de nossas línguas não é utilizado por nossas sociedades, por quê? Por que ainda continuamos numa sociedade patriarcal, machista e androcêntrica, que não quer reconhecer as mudanças que nela ocorrem e ainda acha inútil, chato, imbecil, nomear às mulheres nos textos. Não basta com que as legislações de nossos países decretem a participam igualitária tanto a mulheres como a homes, é necessário que as mulheres e os homens se sintam e saibam que é preciso nossa participação, é preciso começar, desde o símbolo, a transformar estas sociedades.

O conceito da identidade transformado desde o pensamento feminista cobra um matiz fundamental nesta etapa da humanidade e faz parte da construção de minha identidade e de outas mulheres. Como é sustentado por Stuard Hall o movimento feminista alcançou:

Ele também enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos genericados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas). Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero. O feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a "Humanidade", substituindo-a pela questão da diferença sexual. (HALL, 1992, p. 47).

É assim como esta diferença tem que se reafirmar continuamente, sem cansaço nem abandono, esta diferença “sexual não é qualquer: é a diferença fundacional do ser humano” (THOMAS, 2008, p. 210), por isso o compromisso de homes e mulheres, empenhados e empenhadas em transformar esta América tem que ser frequente e em dupla para nós mulheres.

Com tudo o anterior e sentindo esse orgulho por pertencer a *Nossa* dolorosa, mas corajosa *América*, por ser mulher e finalmente atriz começo a procurar no meu

ofício as possibilidades que temos as atrizes e os atores em contribuir a este projeto. As culturas produzem imagens com as quais se identificam e a tarefa do teatro segundo García é criar essas imagens que possam identificar uma sociedade ou país de um determinado tempo e espaço, mas “entendendo esta imagem como um elemento produzido na relação cena-público e não só na cena [...]” (GARCÍA, 2008, p. 99).

Com certeza esta maranha de identidade que tentei definir será constituída por teorias que possam me nutrir ou praticas que possa experimentar e teorizar, mas é possível também que esta identidade se transforme como é natural da humanidade e a natureza de nossa cultura. É possível que esta minha identidade encontre outros caminhos, outras fontes e outras descobertas, mas seguramente não ficarei sem nenhuma identidade que possa combater a mentalidade hegemônica. Assim a rua se empresta para a manifestação destes jeitos de olhar o mundo, este mundo que tenta sobreviver à ameaça de uma só cultura, perdendo a rica possibilidade da diferença que se amostra na rua como em nenhum outro espaço humano, a rua da cidade, a rua globalizada, a rua ultra expressiva.

ADRADE, Oswaldo. 1990. A utopia antropofáfica. São Paulo: Globo.

BOAL, Augusto. <http://www.artezblai.com/artezblai/mensaje-del-dia-mundial-del-teatro-2009- por-augusto-boal.html>

FREIRE, Paulo. 1997. Cartas a quien pretende enseñar. México: Siglo XXI Editores.

GALEANO, Eduardo. 2010. Las venas abiertas de América Latina. Colombia: Siglo XXI Editores.

GARCIA, Santiago. 2008. Teoría y Práctica del Teatro. Bogotá D. C: Ediciones Teatro La Candelaria.

GONZÁLEZ, Fernando. 1997. Teatro Popular y callejero colombiano. Bogotá D. C.: Cooperativa Editorial Magisterio,

HALL, Stuart. 2006. Identidade cultural na pós-modernidade. DP&A Editora, Rio de Janeiro.

MARTÍ, José. 2005. Nuestra América. Venezuela: Fundación Ayacucho,

REYES, Carlos José. El teatro en Colombia en el siglo XX. Bogotá D.C.: Revista Credencial Historia, edición 198, junio 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. 2009. Una epistemología del sur. México: Siglo XXI.

THOMAS, Florence. 2008. Conversaciones com Violeta. Bogotá: Punto de Lectura.